Quase como em casa

Duas maneiras de viver. Um lugar para estar perto



Laura Bellini

Quase como em casa

Duas maneiras de viver. Um lugar para estar perto

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384904541

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - Um homem com seus próprios planos 9
Capítulo 2 - Condições que não estavam no contrato 21
Capítulo 3 - A estrada nem sempre segue em linha reta 35
Capítulo 4 - Além do mapa 47
Capítulo 5 - A fronteira entre o trabalho e o desejo 61
Capítulo 6 - O lugar onde é possível ficar 69
Capítulo 7 - A manhã depois da mudança 82
Capítulo 8 - O mundo dele 93
Capítulo 9 - Um teste nos meus próprios termos 109
Capítulo 10 - Quando você deixa de ser visita 121
Capítulo 11 - A luz da manhã 132
Capítulo 12 - O lugar que eu não escolhi 142
Capítulo 13 - O preço de um plano em comum 155
Capítulo 14 - As coisas que não dizemos 165
Capítulo 15 - Uma casa construída sem perguntar 175
Capítulo 16 - Quando é preciso partir 187
Capítulo 17 - Dois lados da mesma estrada 200
Capítulo 18 - Um lugar para voltar 209
Capítulo 19 - Um lugar lado a lado 219
Capítulo 20 - Quase como em casa 230

INTRO

A última parada do meu roteiro ficava à beira de um lago, nos arredores de uma aldeia cujo nome, mais tarde, eu não conseguiria pronunciar sem antes conferir no mapa. Naquela tarde, porém, isso não tinha importância. As crianças estavam sentadas sobre mantas entre os juncos, os adultos seguravam copos de papel com chá, e eu lia em voz alta um trecho de um romance cuja protagonista havia passado metade da vida tentando encontrar um lugar onde ninguém esperasse nada dela. Quando fechei o livro, uma das meninas se aproximou do meu carro e perguntou se eu voltaria.

— Se a estrada estiver transitável — respondi.

— E se não estiver?

— Então encontro outro caminho.

Ela sorriu, como se fosse exatamente aquela resposta que esperava ouvir. Eu também gostava dela. Era simples, verdadeira e, havia muito tempo, representava a maneira como eu escolhia viver.

Meu carro atual, uma van branca com a inscrição azul-marinho "Livraria na Estrada", estava estacionado alguns metros adiante, com as portas traseiras escancaradas. Lá dentro, havia cheiro de papel, madeira e café, que eu conseguira derramar no piso de borracha durante uma parada pela manhã. As prateleiras continuavam firmes, embora uma delas rangisse nas curvas havia uma semana, e a porta lateral só fechasse direito quando eu a empurrava com o quadril. Eu amava aquele veículo por tudo o que ele havia me permitido fazer, mas, cada vez mais, tinha a

impressão de estar exigindo dele mais do que poderia oferecer.

Por isso, comprei um segundo.

Tudo começou com três caixas, uma mesinha dobrável e um carro que ficava com cheiro de estofamento úmido depois de cada chuva. Com o tempo, as pessoas passaram a me esperar nos mesmos lugares. Algumas vinham procurar romances policiais, outras devolviam livros que haviam comprado um mês antes, apenas para recomendá-los com tanto entusiasmo que parecia estarem me confiando um segredo de família. Às vezes, alguém ficava conversando muito depois de terminar as compras. Eram justamente esses momentos que me faziam desejar um espaço maior: não para ter mais mercadorias, mas para que ninguém precisasse ficar na chuva enquanto escolhia sua próxima história.

Ele ainda não era uma livraria. Era uma van usada, que já havia conhecido dias melhores e passado por alguns consertos tão criativos que seu antigo proprietário provavelmente deveria ter se tornado escritor. Naquele momento, estava em uma oficina nos arredores de uma pequena cidade, aguardando a reforma. Receberia prateleiras, um balcão dobrável, espaço para caixas de livros e uma porta ampla, pela qual seria possível entrar sem precisar abaixar a cabeça. Eu queria que se transformasse em algo maior do que um carro com estantes. Deveria ser uma pequena livraria capaz de parar à beira de um lago, na praça do mercado ou diante de uma escola e, depois, seguir viagem antes que alguém tivesse tempo de perguntar quando eu finalmente criaria raízes.

Eu tinha um plano. Um roteiro detalhado pela região da Warmia, uma lista de bibliotecas e pequenas festas locais,

datas preliminares para encontros e até uma reserva de espaço na feira do livro de Olsztyn. O novo veículo deveria ficar pronto antes do início da temporada. Eu não precisava de nenhum milagre. Precisava de um trabalho bem-feito, um orçamento sensato e pessoas que entendessem que uma livraria itinerante não era simplesmente uma van de entregas com um interior mais bonito.

Naquela noite, quando voltei à oficina, o bom senso me dizia para ir para casa. Em vez disso, estacionei diante do portão, desliguei o motor e permaneci sentada em silêncio por alguns instantes. A cabine ainda guardava o calor acumulado durante o dia, enquanto a umidade começava a se formar no vidro. Ao longe, eu ouvia o ruído da estrada e o latido isolado de um cachorro. Ainda precisava conferir as medidas do interior, compará-las com os desenhos e ter certeza de que o projeto comportaria o balcão dobrável. No dia seguinte, o trabalho de verdade começaria. Eu não queria deixar nada para depois.

Uma única lâmpada estava acesa na oficina. A porta lateral não estava fechada, então entrei chamando o mecânico pelo nome, mas só recebi o silêncio como resposta. Minha nova van estava no meio do galpão, sem parte dos painéis laterais. Sem eles, parecia maior e mais vulnerável. Passei a mão pela borda fria da lataria, como se aquele gesto pudesse me ajudar a descobrir se a decisão de comprá-la havia sido sensata.

Sobre a mesa havia uma impressão do projeto. Coloquei-a ao lado da trena e comecei a comparar as medidas. Encontrei o primeiro problema rapidamente: o espaço onde eu pretendia instalar as prateleiras inferiores era mais estreito do que indicava a documentação. O segundo apareceu pouco depois. Se mantivesse o corredor tão largo

quanto desejava, o balcão dobrável ficaria mais curto. Se aumentasse o balcão, alguém teria de passar de lado entre as estantes.

Sentei-me sobre uma caixa virada. Não era uma catástrofe. Eu gostava de resolver problemas, especialmente aqueles que tinham medidas concretas e não exigiam adivinhar as intenções de outras pessoas. Poderia deslocar as prateleiras, alterar a profundidade do balcão ou abrir mão de um armário. Mas não pretendia sacrificar o conforto de quem entraria ali. Os livros não precisavam de luxo. As pessoas precisavam de espaço para se sentirem à vontade, mesmo que fosse apenas por alguns minutos.

Deslizei a trena pelo chão e anotei mais alguns números. Queria um corredor onde duas pessoas pudessem passar uma pela outra sem precisar pedir desculpas ou prender a respiração. Também queria deixar espaço para um banquinho pequeno, porque os clientes mais velhos muitas vezes precisavam de um momento antes de decidir qual livro levar. Eu havia incluído essas exigências no projeto desde o início. Não eram detalhes decorativos. Faziam toda a diferença entre uma loja que simplesmente viajava e um lugar ao qual as pessoas desejariam voltar.

Tirei meu caderno da bolsa. Na primeira página, estavam anotadas as datas, os nomes das cidades e os contatos das pessoas que haviam prometido ajudar nos primeiros encontros. Ao lado, em outra cor, havia uma lista de tarefas. A maioria já estava marcada como concluída. Enquanto olhava para ela, senti um alívio breve e desagradável: tudo dependia de mim. Se alguma coisa desse errado, não precisaria me perguntar se alguém havia cumprido a própria palavra. Se desse certo, ninguém poderia dizer que eu devia meu sucesso à generosidade de outra pessoa.

Meu telefone vibrou sobre a mesa. Era uma mensagem do mecânico, curta e direta: "Amanhã, às oito, o Witek vai aparecer. É o projetista. Vocês precisam definir a disposição interna novamente, porque o projeto atual não vai funcionar com essas medidas".

Li a mensagem duas vezes. Não gostava quando alguém me comunicava uma mudança nos planos como se minha presença fosse apenas uma formalidade. Respondi que estaria lá às oito e que queria ver todas as alternativas antes que alguém começasse a cortar qualquer coisa.

Por um instante, tive vontade de acrescentar que aquela era a minha livraria, o meu dinheiro e o meu roteiro. Não fiz isso. Ainda não conhecia o homem que viria, não sabia como trabalhava nem se era capaz de escutar. Não pretendia começar uma parceria discutindo com alguém que talvez fosse simplesmente muito bom no que fazia.

Apaguei a lâmpada e saí. O ar cheirava a grama molhada e água. No estacionamento, minha velha van me esperava pacientemente, como um cachorro fiel que não faz perguntas, mesmo quando volto mais tarde do que prometi. Encostei-me à lateral do veículo e olhei na direção da estrada. No dia seguinte, conheceria o homem de quem dependeria a configuração da nova livraria. Meu plano estava pronto, pelo menos no papel. Só que, pela primeira vez em muito tempo, a questão já não era apenas para onde eu iria.

Será que eu conseguiria permitir que outra pessoa participasse das decisões sobre um lugar que deveria ser meu, sem perder o direito de partir a qualquer momento?

Capítulo 1 - Um homem com seus próprios planos

Às oito e cinco eu já estava na oficina, com o caderno debaixo do braço, dois copos de café e a convicção de que, pelo menos naquele dia, nada deveria me surpreender. Coloquei um dos copos sobre a mesa, ao lado da documentação, e pretendia tomar o outro na viagem de volta, caso a conversa com o projetista fosse tão longa quanto a mensagem do mecânico havia sugerido. Meu plano para aquela manhã era simples: examinar o veículo, discutir as medidas, estabelecer a ordem dos trabalhos e sair de lá com um cronograma concreto. Não estava disposta a passar horas discutindo se uma livraria itinerante era ou não uma boa ideia. Essa etapa já tinha ficado para trás.

O rádio estava ligado, alguém arrastava peças de metal pelo piso de concreto e, ao lado da minha van, havia um homem de camisa escura com as mangas dobradas até os cotovelos. Segurava uma folha enrolada em uma das mãos e apoiava a outra na borda da porta aberta. Não parecia alguém que tivesse vindo apenas dar uma olhada no projeto. Tinha o rosto concentrado, a testa ligeiramente franzida e aquele tipo de tranquilidade que, às vezes, consegue ser mais irritante do que a pressa.

— Alina Rataj? — perguntou antes que eu tivesse tempo de me apresentar.

— Depende. Quem está perguntando?

Ele se virou na minha direção.

— Sławomir Witek. Fui contratado para projetar o interior deste veículo e garantir que ele continue adequado para circular depois da reforma.

Estendeu a mão. Seu aperto era firme, mas sem aquela demonstração desnecessária de força. Notei algumas pequenas manchas de graxa perto das unhas e um relógio com a pulseira arranhada. Não parecia alguém que passasse o dia inteiro atrás de uma mesa, embora sua profissão pudesse sugerir exatamente isso.

— Prazer. Espero que tenha tido tempo de conhecer o projeto.

— Tive. Foi por isso que quis ver a van antes da conversa.

— Ela está bem na sua frente.

— Exatamente por isso.

Não respondi. Coloquei o café sobre a mesa e abri a documentação. Eu havia preparado três versões da disposição das prateleiras, duas alternativas para o balcão e uma lista de equipamentos dos quais não pretendia abrir mão. Tudo estava descrito, dimensionado e pensado nos mínimos detalhes. Não tinha comprado um veículo para permitir que uma pessoa qualquer organizasse seu interior de acordo com o próprio gosto.

Sławomir abriu sua folha ao lado da minha. Observou os desenhos e depois passou o dedo ao longo da estrutura planejada.

— Esta é a sua versão definitiva?

— Sim.

— Quem a preparou?

— Eu. Consultei as medidas com o mecânico anterior, mas o conceito é meu.

— Dá para perceber.

Não tive certeza se aquilo era um elogio.

— Há alguma coisa que não lhe agrada?

— Algumas.

Ele puxou a documentação na minha direção e apontou para a parte inferior da estrutura.

— A senhora pretende colocar as caixas mais pesadas aqui. A geladeira ficaria neste espaço e, do outro lado, o reservatório de água. Tudo parece razoável no papel, mas a senhora não levou em consideração o comportamento do veículo na estrada. Com a carga completa, a distribuição do peso pode se tornar um problema.

— Foi por isso que contratei um projetista.

— Nesse caso, peço que me permita fazer essa parte do trabalho.

Disse aquilo com tranquilidade, sem o menor sinal de ironia. E foi justamente por isso que não consegui descartar sua observação como uma simples tentativa de impor autoridade.

Aproximei-me da van e olhei para dentro. Os painéis removidos já estavam no chão, e alguém havia marcado com fita adesiva os lugares onde ficariam as futuras prateleiras. Na minha imaginação, eu já via estantes cheias de livros, um pequeno balcão e dois assentos dobráveis. Não precisava de um motorhome de luxo. Queria criar um espaço onde alguém pudesse folhear um livro com calma, conversar comigo e não sentir que estava atrapalhando os outros clientes.

— Não quero que o senhor mude todo o conceito — falei. — Preciso de um corredor aberto, prateleiras baixas e um balcão que possa ser aberto durante as paradas. Não pretendo morar neste veículo.

Sławomir olhou para mim por cima da documentação.

— Não estou projetando um apartamento para a senhora.

— Ótimo. Porque eu já estava começando a ficar preocupada.

Um breve sorriso apareceu em seu rosto.

— Estou projetando um veículo que vai transportar pessoas, livros, equipamentos e provavelmente algumas outras coisas sobre as quais ainda vou descobrir durante o trabalho. Preciso saber como a senhora pretende utilizá-lo.

— Vou percorrer a região da Warmia. Bibliotecas, escolas, eventos locais, feiras. Às vezes serão pequenas cidades, outras vezes centros maiores. Não pretendo voltar todos os dias ao mesmo lugar.

— Quanto tempo durarão as paradas?

— Depende. De uma hora a um dia inteiro.

— E as pernoites?

— Depende do roteiro.

Ele me observou por alguns instantes, como se tentasse relacionar minha resposta a alguma coisa que já havia ouvido antes.

— Então o veículo precisa ser autossuficiente.

— Precisa ser prático.

— Nem sempre essas duas coisas significam a mesma coisa.

Não gostei da maneira como falava, como se precisasse me explicar princípios básicos sobre administrar meu próprio negócio. Eu tinha trinta e seis anos, administrava uma livraria havia alguns anos e sabia muito bem quanto custava uma decisão mal tomada. Não precisava de um tutor.

— Senhor Witek, não vim aqui para receber uma avaliação da minha ideia. Vim buscar um projeto que me permita colocá-la em prática.

— E eu não vim para desenhar alguma coisa que fique bonita na apresentação e se torne perigosa depois de carregada.

O silêncio tomou conta do espaço. Do outro lado do galpão, ouviu-se uma batida de martelo. Sławomir não desviou os olhos. Também não tentou suavizar o que havia dito. Havia nele uma franqueza que poderia ser irritante, não fosse pelo fato de que não parecia alguém que falasse apenas para fazer prevalecer a própria vontade.

— Muito bem — respondi. — Então me mostre exatamente o que pretende mudar.

Ele abriu o desenho sobre o capô de um carro ao lado. Sua proposta diferia da minha principalmente na maneira de fixar as prateleiras e na distribuição dos componentes mais pesados. Queria utilizar uma estrutura modular, que pudesse ser parcialmente desmontada caso eu precisasse transportar uma quantidade maior de caixas. O balcão seria fixado à estrutura da parede, e não a um único armário. Na parte inferior, planejava instalar reforços adicionais.

— Isso faz sentido — admiti depois de alguns instantes. — Mas, se cobrirmos toda a parede com a estrutura, vou perder espaço para a exposição dos livros.

— Não estou propondo ocupar a parede inteira.

— No desenho parece diferente.

— Porque ainda não desenhei todos os elementos. Primeiro preciso saber do que a senhora realmente necessita.

— Eu lhe enviei uma lista.

— A lista diz o que a senhora quer. Não diz do que pode abrir mão.

— De nada que seja importante para o funcionamento da livraria.

Ele me olhou com um interesse evidente.

— Vai ser um trabalho mais difícil do que imaginei.

— Posso recomendar um mais simples. Ouvi dizer que alguém em Olsztyn está procurando um projetista para transformar um motorhome comum.

— E, pelo que ouvi, a senhora está procurando alguém capaz de construir uma livraria sobre rodas.

Dessa vez fui eu quem sorriu primeiro. Não porque tivesse sido convencida, mas porque não esperava aquela resposta. Ele não levantou a voz nem tentou me dominar. Simplesmente não estava disposto a ceder em uma questão pela qual seria profissionalmente responsável.

— Muito bem. Vamos começar pelos detalhes.

Passamos os quarenta minutos seguintes medindo o interior. Sławomir trabalhava depressa, mas sem pressa. Conferia cada medida duas vezes, anotava tudo na folha e acrescentava pequenas observações. Quando perguntei por que estava deslocando o ponto de fixação de uma prateleira alguns centímetros, mostrou uma parte da estrutura que eu

ainda não havia percebido. Indicou onde passava o reforço da carroceria e explicou que não pretendia interferir nos componentes responsáveis pela rigidez do veículo.

Eu escutava, embora não estivesse disposta a facilitar as coisas para ele.

— E aqui? — perguntei, apontando para a parte traseira da van. — Gostaria de conseguir retirar duas caixas sem precisar deslocar as outras.

— Podemos fazer um módulo deslizante.

— Não quero trilhos pesados. A van precisa andar, não ficar parada em um showroom de móveis.

— Concordo. Por isso vamos utilizar limitadores e trilhos adequados à carga. Não vou instalar uma gaveta de cozinha.

— Ainda bem. Não gosto de cozinhas sobre rodas.

— E eu não gosto de livrarias onde os livros caem na primeira curva mais fechada.

Olhei para ele. Por alguns segundos, sustentou meu olhar, depois voltou às medições. Fiquei me perguntando se ele sempre precisava ter a última palavra ou se fazia isso apenas diante de clientes que não aceitavam suas soluções sem discutir.

Uma hora depois, Marek, o proprietário da oficina, entrou com o telefone junto ao ouvido. Cumprimentou-nos com um movimento de cabeça e deixou uma pasta sobre a mesa.

— Vejo que vocês já se conheceram.

— Estamos começando do zero — respondeu Sławomir.

— Não exagere. A van ainda não foi desmontada até o último parafuso.

— Mas o projeto precisa de alterações.

Marek olhou para mim, esperando uma confirmação.

— Nada que não possa ser resolvido — respondi.

— Exatamente. Foi por isso que coloquei vocês dois juntos. Sławek entende dessas adaptações melhor do que qualquer pessoa que eu poderia trazer para cá. E Alina sabe exatamente o que quer. Vocês deveriam conseguir chegar a um acordo.

— Estamos tentando — respondi.

Marek soltou uma risada discreta e voltou para o escritório.

Enquanto isso, Sławomir abriu outras folhas sobre a mesa. Uma mostrava o corte transversal do veículo com o centro de gravidade marcado. Na outra, havia um esboço dos módulos que pretendia construir com compensado leve e perfis de alumínio.

— Tenho mais uma observação — disse ele. — Não podemos projetar este veículo pensando apenas no momento em que estiver estacionado.

— Por quê?

— Porque a maior parte do tempo a senhora vai passar dentro dele enquanto estiver em movimento. Se as prateleiras forem muito profundas, será necessário proteger os livros individualmente. Se o balcão for largo demais, vai dificultar a passagem. E, se não deixarmos espaço suficiente perto da entrada, durante os eventos as pessoas formarão uma fila do lado de fora.

Passou o dedo pelo desenho.

— Gostaria de ver sua livraria atual funcionando.

— Para quê?

— Para observar como a senhora atende os clientes. Como organiza os produtos, onde coloca os livros, o que faz quando alguém quer examinar vários títulos ao mesmo tempo. Projetar sem observar seria apenas adivinhar.

Eu não esperava aquela proposta. A maioria das pessoas para quem eu falava sobre a livraria perguntava imediatamente quantos livros eu tinha, qual era a metragem ou qual seria o faturamento previsto. Ele queria ver como era um dia comum de trabalho.

— Amanhã tenho um encontro em uma das cidades próximas a Olsztyn — falei. — Mas isso não é um passeio turístico.

— Não sugeri um passeio.

— E o senhor não vai decidir para onde eu devo ir.

— Não tenho essa intenção.

— Ótimo. Porque o roteiro já está definido.

Ele olhou para o meu caderno.

— Por quanto tempo?

— Algumas semanas. Depois tenho outros compromissos.

— E o veículo precisa estar pronto antes da primeira viagem?

— Sim.

— Então temos menos tempo do que eu imaginava.

— Por isso preciso de decisões concretas.

Sławomir enrolou parte dos desenhos.

— Nesse caso, proponho que primeiro verifiquemos a distribuição da carga. Sem isso, não vou aprovar a estrutura definitiva. Posso preparar duas alternativas, mas preciso

saber a quantidade real de livros e equipamentos. Não quero basear o projeto em estimativas.

— Posso trazer algumas caixas amanhã.

— Todas?

— Não pretendo transportar a livraria inteira para a oficina.

— Algumas representativas serão suficientes. De formatos e pesos diferentes.

— Isso eu consigo fazer.

Fechei o caderno. Não tínhamos conseguido tudo o que eu havia planejado, mas pelo menos agora sabia exatamente onde estávamos. Sławomir não pretendia aceitar meu projeto sem alterações, e eu não permitiria que ele transformasse o espaço como bem entendesse. Ainda assim, tínhamos um ponto de partida em comum: a van precisava funcionar, não apenas ter uma boa aparência.

Enquanto recolhia os documentos, percebi que, em uma das folhas, ele havia desenhado um pequeno banquinho dobrável perto da entrada.

— Isso não estava no meu projeto — comentei.

— A senhora mencionou os clientes mais velhos, que precisam de um lugar para examinar os livros com calma.

Parei com a pasta nas mãos.

— O senhor se lembrou?

— Estamos conversando sobre uma livraria, não sobre um armário de quarto.

Não sabia por que aquele pequeno detalhe havia me impressionado mais do que todos os seus argumentos técnicos. Talvez porque, desde o começo, eu esperasse

uma disputa por cada centímetro, enquanto ele havia se lembrado de algo que eu nem sequer tinha marcado no desenho.

— O banquinho precisa ser dobrável — falei.

— Claro.

— E não pode bloquear a entrada.

— Eu sei.

— E precisa ser confortável.

— A senhora realmente gosta de estabelecer condições.

— É a minha livraria.

— Estou começando a entender.

Ele pegou a folha e acrescentou algumas medidas. Não tentou me convencer de que sua ideia era melhor. Simplesmente levou minhas observações em consideração.

Perto da porta da oficina, parei mais uma vez.

— Amanhã estarei aqui depois das nove. Vou trazer as caixas.

— Certo. Vou preparar as alternativas para a estrutura.

— E, por favor, lembre-se de que não quero transformar isso em um motorhome.

— E eu peço que se lembre de que não estou construindo prateleiras para um trailer de camping.

Balancei a cabeça.

— Estou vendo que o senhor será um parceiro de trabalho difícil.

— A senhora também, Alina.

Saí antes que pudesse responder. No estacionamento, encontrei as chaves no bolso do casaco e fiquei sentada ao

volante por alguns instantes. Tinha pela frente algumas semanas de trabalho, um orçamento limitado e um projetista que parecia tratar cada uma das minhas ideias como um convite para uma discussão. Eu deveria estar irritada. E estava.

Mesmo assim, enquanto dava a partida, lembrei-me do comentário dele sobre o banquinho dobrável.

Ele não havia esquecido para quem aquela livraria deveria ser construída.

E isso era muito mais perigoso para a minha tranquilidade do que eu gostaria de admitir.

Capítulo 2 - Condições que não estavam no contrato

Na manhã seguinte, cheguei à oficina com três caixas de livros, um tapete de proteção enrolado e uma bolsa na qual havia colocado a trena, o caderno e alguns objetos necessários para reproduzir a organização cotidiana da livraria. Uma das caixas continha álbuns pesados e livros de capa dura; a segunda, romances de bolso; a terceira, volumes de diferentes formatos que frequentemente causavam problemas na hora de organizar as prateleiras. Eu não queria que Sławomir projetasse o espaço levando em consideração apenas as medidas. Os livros tinham tamanhos diferentes, e os clientes nem sempre devolviam cada exemplar ao lugar de onde o haviam retirado.

A oficina estava movimentada naquela manhã. Marek conversava com um fornecedor, dois mecânicos preparavam a van para continuar a desmontagem e Sławomir estava ao lado do meu veículo. Usava um suéter escuro e calças de trabalho. Sobre a mesa já estavam os novos desenhos, dessa vez com os pontos de fixação marcados.

— Pontual — comentou quando me viu.

— Isso é bom, não é?

— Definitivamente. Ainda mais considerando que a senhora trouxe metade da livraria.

— Apenas a parte que pode interessar ao senhor.

Ele levantou uma das caixas antes que eu tivesse tempo de segurar a alça.

— Mais pesada do que parece.

— Álbuns de arquitetura e fotografia. Alguns pesam mais do que um cachorro pequeno.

— Nesse caso, não vamos colocá-los na prateleira mais alta.

— Finalmente uma decisão com a qual concordamos.

Ele sorriu, mas não respondeu. Colocou as caixas perto da entrada e pediu que eu mostrasse como costumava organizar os livros. Estendi o tapete, retirei alguns títulos e comecei a explicar por que determinados exemplares precisavam ficar imediatamente acessíveis, enquanto outros poderiam ser guardados nos módulos inferiores. Falei sobre os leitores que chegavam procurando um título específico e sobre aqueles que precisavam de um pequeno incentivo. Sobre as crianças que escolhiam os livros pelas capas e os idosos que preferiam ler um trecho antes de decidir.

Sławomir escutava enquanto mudava os livros de lugar sobre a mesa. Não me interrompia nem apresentava imediatamente suas próprias soluções. Somente quando terminei pegou um dos álbuns.

— Não é confortável folhear isto em pé.

— Por isso quero o balcão.

— E se duas pessoas quiserem examiná-lo ao mesmo tempo?

— Nesse caso, preciso de espaço para que possam ficar lado a lado.

Ele observou a largura da caixa e depois mediu a distância entre a porta e a estrutura planejada.

— Vamos fazer um balcão deslizante, com a possibilidade de abrir uma extensão adicional. Mas será necessário reforçar a fixação.

— Quanto isso vai alterar os custos?

Ele me informou um valor aproximado.

— É mais do que eu havia previsto.

— Posso encontrar um material mais barato, mas não quero economizar na fixação.

— Não estou pedindo que economize na segurança. Estou pedindo que utilize o orçamento com bom senso.

— É justo. Vou verificar o que podemos fazer.

Inclinou-se sobre o desenho e começou a fazer algumas correções. Percebi que, enquanto trabalhava, seu rosto perdia aquela reserva que eu havia observado no dia anterior. Ele ficava mais concentrado e, ao mesmo tempo, mais à vontade. Não precisava falar sobre sua experiência. Bastava observar como organizava os elementos e verificava se as medidas realmente faziam sentido.

Alguns minutos depois, entregou-me uma das folhas.

— Veja.

No desenho, as prateleiras eram mais baixas do que na minha versão original, mas a disposição permitia aproveitar toda a largura da parede. O balcão ficava mais próximo da entrada, e o banquinho dobrável tinha um suporte próprio junto ao painel lateral. Na parte inferior, havia espaço reservado para as caixas de transporte.

— Ficou melhor — admiti.

— Ainda não me elogie. Não verificamos se tudo vai caber.

— Mas a ideia é boa.

— Vou guardar este momento.

— Não exagere. Não quero me acostumar a elogiar seu trabalho.

— Não espero isso. Basta que me diga quando alguma coisa não funcionar.

Peguei o desenho e o examinei com mais atenção. Algumas soluções eram diferentes daquilo que eu havia imaginado, mas ainda reconhecia minha livraria ali. Isso era importante. Não queria entrar na van pronta e descobrir que alguém havia organizado tudo por mim, sem sequer perguntar minha opinião.

— Tenho mais uma questão — falei. — Gostaria que estabelecêssemos as regras da nossa colaboração antes de começarmos a encomendar os materiais.

Sławomir colocou o lápis sobre a mesa.

— Estou ouvindo.

— Eu sou responsável pela função da livraria, pelo estoque, pelo orçamento e pelo roteiro. O senhor é responsável pela estrutura, pela segurança e pelas soluções técnicas. Qualquer alteração que afete o custo ou a disposição do interior precisa ser combinada comigo. Não quero descobrir depois que alguma coisa foi encomendada ou construída de maneira diferente da que acertamos.

— Concordo. Mas tenho uma condição.

Apoiei as mãos sobre a mesa.

— Qual?

— Se eu considerar que sua ideia representa um risco à segurança ou não atende aos requisitos técnicos, não vou executá-la apenas porque a senhora é proprietária do veículo.

— Não espero que faça alguma coisa perigosa.

— Nesse caso, não deveremos ter problemas.

— Quero apenas que todas as objeções sejam justificadas. Não basta que alguma coisa simplesmente não lhe agrade.

— Isso posso prometer. Vou apresentar uma solução alternativa, em vez de apenas dizer que algo é impossível.

Pensei por alguns instantes. O acordo parecia razoável. Não precisávamos concordar em tudo, mas cada um deveria ter o direito de decidir dentro da própria área de responsabilidade.

— E mais uma coisa — acrescentei. — Não quero que o projeto se transforme na construção de um motorhome com espaço para alguns livros. Isto precisa continuar sendo uma livraria. Não pretendo abandonar meu roteiro para ficar parada em um lugar confortável.

Sławomir olhou para mim com mais atenção.

— Entendo.

— Não tenho certeza de que entenda. Para mim, a possibilidade de seguir viagem é tão importante quanto o próprio lugar onde decido ficar por mais tempo.

— Não pretendo impedi-la de partir.

Ele respondeu rapidamente, quase de maneira automática. Não havia nada de inadequado na frase, mas seu tom soou como se estivéssemos falando de algo além da estrutura de uma van. Por um instante, tive vontade de perguntar por que aquilo sequer havia passado pela cabeça dele. Em vez disso, voltei ao desenho.

— Ótimo. Então temos um acordo.

Estendi a mão. Ele a apertou, dessa vez sem a distância formal do nosso primeiro encontro.